

Livro dos Pais

Textos

Maria Tereza Furlan Martins



Ie7 IESDE Brasil S.A.

Programa criança segura na escola/IESDE Brasil S.A. — Curitiba, 2004.

5 v. – (v. 1 - Livro dos Pais; v. 2 – Livro dos Professores; v. 3 – Livro do Aluno: educação infantil; v. 4 – Livro do Aluno: 1a. e 2a. Séries; v. 5 - Livro do Aluno: 3a. e 4a. Séries).

ISBN: 85-7638-071-4

1. Educação. 2. Escolas - Segurança. I. Título.

CDD 378.145

Coordenação editorial

Elizabeth dos Santos
Solange M. S. Demeterco

Projeto gráfico e diagramação

William Marlos da Costa

Revisão

Camila Figueiredo de Freitas
Roanita Dalpiaz

Prezados Pais e Familiares,

Este livro que vocês estão recebendo, faz parte de uma coleção de materiais didáticos e educacionais sobre prevenção de acidentes, produzida para o Programa Criança Segura na Escola, uma parceria entre a ONG Criança Segura e Band-Aidâ (Johnson & Johnson).

A Criança Segura é uma instituição sem fins lucrativos dedicada à prevenção de acidentes com crianças e adolescentes de até 14 anos. No Brasil, acidentes são a principal causa de mortes de crianças de 1 a 14 anos. Todos os anos, milhares delas são vítimas em decorrência da falta de informação e de cuidados no dia-a-dia. Atropelamentos, acidentes de carro, afogamentos, quedas, entre outros, podem ser evitados em até 90% dos casos com simples atitudes de prevenção.

A marca Band-Aidâ, presente no Brasil há 70 anos, sempre se preocupou com a saúde e o bem-estar das crianças. Em 2001, com o objetivo de conscientizar pais, professores e crianças sobre a importância da prevenção de acidentes e a maneira adequada de tratar ferimentos, Band-Aidâ desenvolveu o programa Cuidar não Dói. A partir de 2004, visando ampliar a abrangência de sua atuação, Band-Aidâ iniciou a parceria com a Criança Segura, por meio do Programa Criança Segura na Escola.

O Programa Criança Segura teve início em 2001 e já atingiu mais de 43.000 crianças e 800 professores. Este ano levará até vocês, professores, informações sobre os riscos que as crianças estão expostas, e as práticas adequadas que garantam a segurança de seus alunos. Nosso objetivo é ajudá-los a criarem condições para que as crianças possam crescer e se desenvolver seguras e saudáveis.

Convidamos vocês a se juntarem a nós nesta importante causa e esperamos que esta iniciativa resulte em uma grande contribuição à vida de todos.

Com muito carinho,

Equipe Criança Segura

Introdução

Você sabia que os acidentes (lesões não-intencionais) são a maior causa de morte entre crianças de 1 a 14 anos no Brasil?

A boa notícia é que 90% dos acidentes que matam ou causam seqüelas podem ser evitados com informações e educação!

A Criança Segura é uma organização de fins não econômicos, atuante no Brasil desde 2001, dedicada exclusivamente à prevenção de acidentes com crianças e adolescentes até 14 anos.

Todos os anos, milhares de crianças são vítimas de acidentes em decorrência da falta de informação e de cuidados no dia-a-dia. Acidentes de trânsito, afogamentos, quedas, entre outros, podem ser evitados com atitudes de prevenção, e o papel da **Criança Segura** é ajudar a sociedade a reduzir essa estatística.

Dados do Ministério da Saúde indicam que cerca de 7 mil crianças e adolescentes de 0 a 14 anos morrem por ano, e estima-se que aproximadamente 40 mil ficam com seqüelas permanentes.

A ONG Criança Segura Safe Kids Brasil está presente em quatro cidades brasileiras: São Paulo, Curitiba, Recife e Londrina.

A Criança Segura Safe Kids Brasil é integrante da rede internacional, o **Safe Kids** Wordwilde, que soma mais de 15 países espalhados pelos 5 continentes.

Fundado pelo cirurgião pediatra Dr. Martim Eichelberger, o **Safe Kids** nasceu nos Estados Unidos em 1987, com a missão de combater a causa número um de mortes entre crianças e adolescentes até 14 anos: os acidentes. Desde seu lançamento, o índice de mortes proveniente de acidentes com crianças, nos Estados Unidos, apresentou uma queda considerável de 40%.

Programa Criança Segura na Escola

Diante dessas estatísticas, o Programa Criança Segura na Escola foi criado como uma das estratégias para disseminar a informação da prevenção de acidentes (lesões não-intencionais), de forma a reduzi-las efetivamente. Acreditamos que a escola é um ambiente extremamente propício para essa discussão, porque envolve não apenas as crianças, foco da nossa ação, como também aqueles que mais diretamente estão ligados a elas: os pais e os educadores.

Para isso desenvolvemos essa coleção de materiais didáticos e educacionais com informações e atividades que facilitem as crianças, educadores e pais na reflexão sobre essa questão.

A imensa maioria dos acidentes (90%) pode ser evitada se forem tomadas as medidas preventivas adequadas. Na maior parte dos casos, eles acontecem por falta de cuidados adequados, consequência menos da negligência e mais da falta de informação em relação aos riscos presentes em ambientes e situações aparentemente seguros. E isso não diz respeito a grandes tragédias. Isso diz respeito a acidentes cotidianos, em ambientes como a casa e a escola, que acabam por acontecer todos os dias com milhares de crianças em todo o país.

A idéia deste material é oferecer às crianças atividades divertidas e reflexivas que as façam perceber os perigos que estão à sua volta e a aprender a se protegerem dos riscos. Os educadores, por sua vez, terão consigo seu material que os orienta em relação às atividades das crianças, trazendo sugestões de práticas e elementos que alimentem a sua discussão em sala de aula.

Já os pais terão um material feito especialmente para que possam acompanhar as atividades de seus filhos e adquirir informações que os levem a conhecer os perigos e a mudar seus comportamentos de risco.

Assim, esse programa foi desenvolvido visando ao envolvimento dos três pilares do contexto escolar – professores/corpo docente, alunos e pais – por meio de uma ação que tem como base a sensibilização do corpo docente, passando pelo envolvimento dos alunos e dos pais por meio das atividades sugeridas.

Esperamos que todos possam se envolver nesta discussão e transformar seus comportamentos de forma a ter condições mais seguras no ambiente da criança. Acidentes não acontecem por acaso, por azar ou imprevisto. Acidentes acontecem freqüentemente e por falta de atenção, de informação ou cuidado por parte dos adultos e das crianças. Garantir a informação e a educação para a prevenção de acidentes com crianças é o nosso objetivo principal.

Bom trabalho a todos!

Um forte abraço,

Equipe Criança Segura

www.criancasegura.org.br

Acidentes na Infância:

a nova epidemia dos tempos modernos

Os traumas – lesões ou choques violentos – venceram as doenças no *ranking* da mortalidade infantil. “As mortes por acidentes representam mais que todas as mortes por doenças juntas”, diz o cirurgião pediatra João Gilberto Maksoud Filho, presidente da ONG Criança Segura no Brasil. A Sociedade Brasileira de Pediatria vê o trauma como a nova epidemia dos tempos modernos.

Até há algumas décadas, as doenças transmitidas por bactérias e vírus foram as principais causas de mortes em crianças. Ações conjuntas, como o desenvolvimento da ciência, associadas às ações públicas, como as campanhas de vacinação e a conscientização da sociedade sobre a importância da amamentação, mudaram o quadro.

Da mesma forma que as comunidades foram capazes de combater doenças, a formação de uma cultura de prevenção de acidentes com crianças e parte das principais estratégias

Criança Segura na ação para fazer um alerta sobre acidentes na infância. As crianças estarão trabalhando com os pais, os pais recebem o guia informativo como sugestão para conversar com seus filhos sobre o problema, ampliando a possibilidade de aprendizado.

A ONG Criança Segura alerta que os acidentes com crianças de 1 a 14 anos matam mais que as doenças. Cuidados e atenção evitariam 90% dos casos.

campanhas envolvendo a rede social para prevenir mortes por adolescentes até 14 anos faz da ONG Criança Segura.

Escola está promovendo uma campanha pública sobre o perigo de acidentes. Enquanto nas salas de aula as crianças aprendem sobre o assunto junto aos educadores,

O assunto merece atenção dos pais. Segundo dados mais recentes do Ministério da Saúde, em 2001, foram registradas no Brasil cerca de 7.000 mortes por “lesões não-intencionais” entre crianças de até 14 anos. Estima-se que 40 mil sofreram seqüelas físicas permanentes e 140 mil tiveram de ser internadas. As estimativas apontam que 90% do total de acidentes poderiam ser evitados com cuidados simples e atenção.

“O grande problema é que todo mundo acha que acidente é imprevisível, o que faz com que as pessoas achem que não se pode interferir ou impedir”, observou a médica Simone Abib, da Escola Paulista de Medicina, no I Fórum de Prevenção de Acidentes com Crianças, realizado em abril de 2004, em São Paulo pela ONG.

Nesta ação nas escolas, a ONG Criança Segura propõe discutir nas salas de aula, em casa e na comunidade, mudanças de atitude em relação ao trauma. É deixar de pensar que acidentes são fatalidades para entender que, pelo contrário, são previsíveis e podem ser evitados, conforme explica a médica Simone Abib.

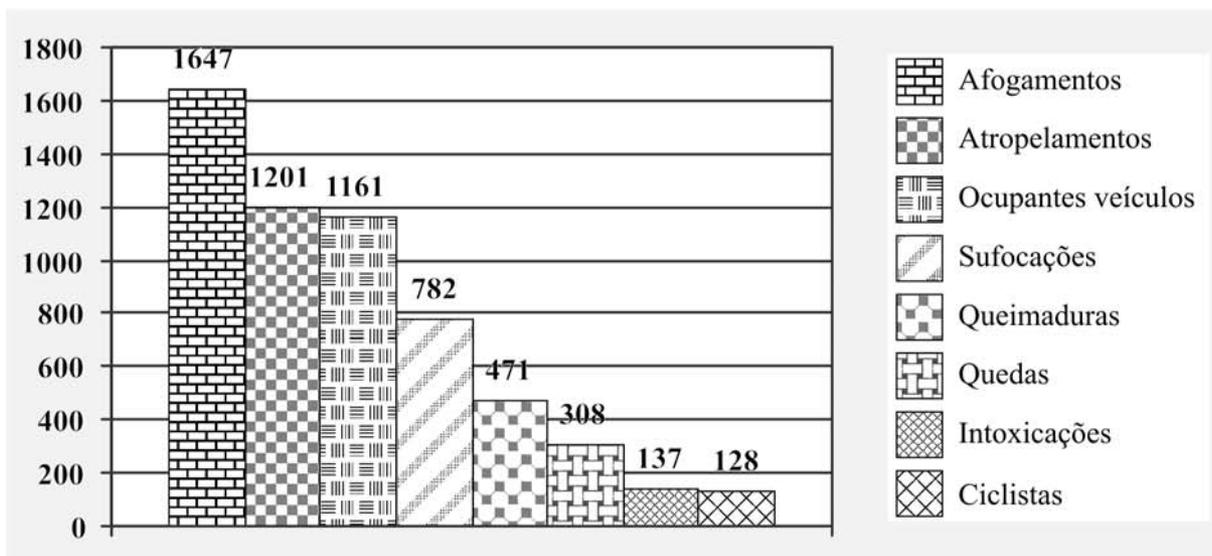
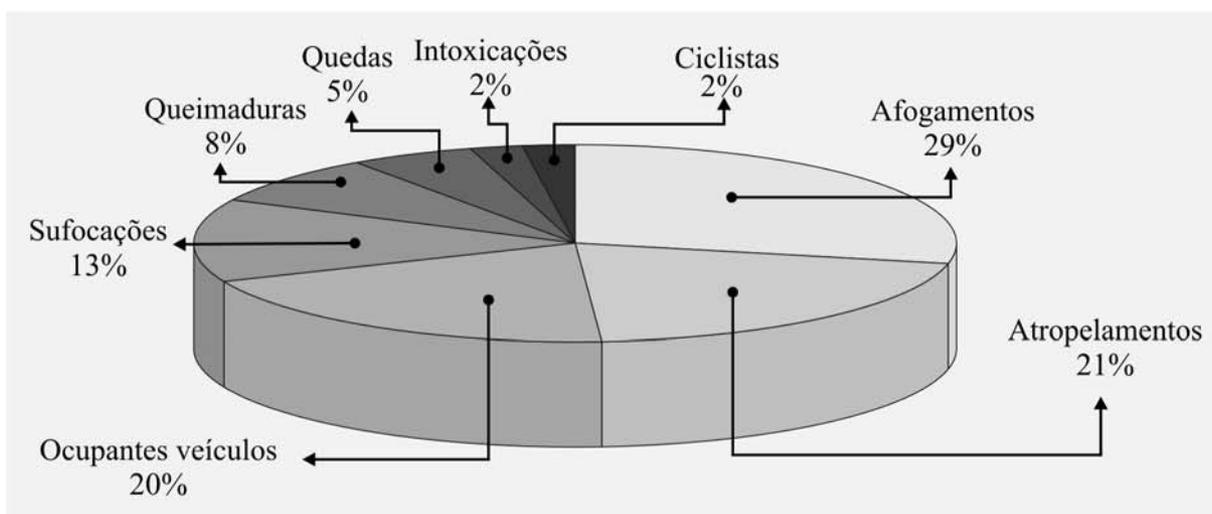
O programa envolve educadores, pais e filhos, que estão sendo convidados a fazer parte deste trabalho de conscientização social como multiplicadores deste conceito. O resultado será a redução no número de mortes ou seqüelas em crianças pelo simples fato de, em vez de se esperar pelo pior, é preciso uma atitude para evitar o mal.

O tema ainda gera muita polêmica, já que muita gente acredita que os acidentes são obra do acaso, em especial quando ainda se delega ao sobrenatural a responsabilidade por tudo o que acontece a nossa volta. O sobrenatural era a maneira encontrada por nossos avós para tentar explicar os acontecimentos, mas isso foi mudando à medida que houve avanços na ciência.

Então, o que você acha de participar da discussão de que está em nossas mãos escolher qual o melhor caminho para proteger a vida das crianças? O assunto é importante para o futuro de seus alunos. Afinal, questões como essas fazem parte da educação complementar infantil. Qual será o caminho que elas vão escolher na vida? Começar a pensar nisso a partir da idéia de que acidentes podem ser evitados, pode ser o início de uma grande lição de vida.

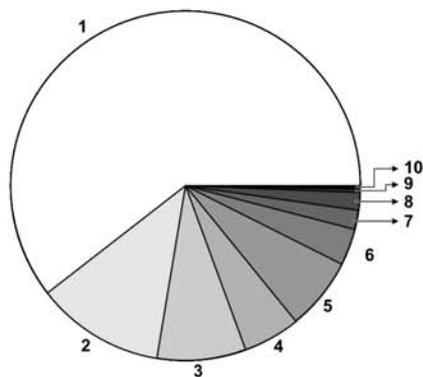
Mortes de Crianças por acidentes em 2001

ACIDENTE	TOTAL BRASIL
AFOGAMENTOS	1647
ATROPELAMENTOS	1201
OCUPANTES DE VEÍCULO	1161
SUFocações	782
QUEDAS	308
QUEIMADURAS	272
CHOQUES ELÉTRICO	199
CICLISTAS	128
ACIDENTES POR ARMA DE FOGO	100
ENVENENAMENTOS / INTOXICAÇÕES	80
CONTATOS COM PLANTAS E ANIMAIS VENENOSOS	57
MORDEDURAS DE ANIMAIS	6
DEMAIS LESÕES NÃO INTENCIONAIS	554
TOTAL	6495



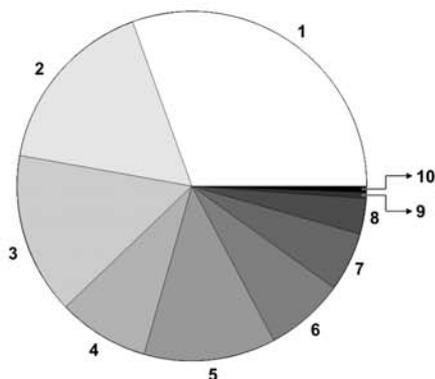
Fonte: Ministério da Saúde do Brasil

Morte de crianças por acidentes por faixa etária – 2001



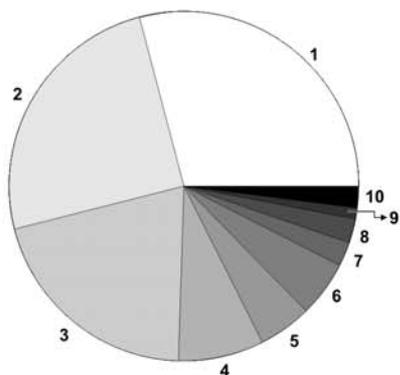
MENOS DE 1 ANO

1	SUFOCAÇÃO	561	60,52%
2	DEMAIS LESÕES NÃO INTENCIONAIS	110	11,87%
3	OCUPANTES VEÍCULOS	76	8,20%
4	QUEDAS	49	5,29%
5	QUEIMADURAS	62	6,69%
6	AFOGAMENTOS	32	3,45%
7	ATROPELAMENTOS	16	1,73%
8	ENVENENAMENTOS	15	1,62%
9	CICLISTAS	3	0,32%
10	ACID. ARMAS DE FOGO	3	0,32%
TOTAL		927	100,00%



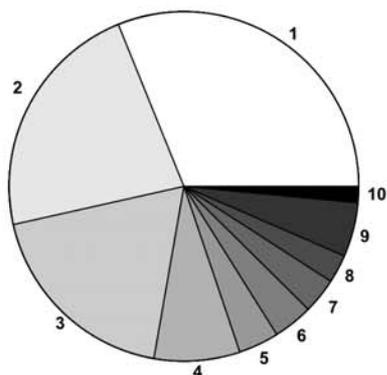
DE 1 A 4 ANOS

1	AFOGAMENTOS	533	30,54%
2	ATROPELAMENTOS	290	16,62%
3	OCUPANTES VEÍCULOS	261	14,96%
4	DEMAIS LESÕES NÃO INTENCIONAIS	148	8,48%
5	QUEIMADURAS	212	12,15%
6	SUFOCAÇÕES	128	7,34%
7	QUEDAS	96	5,50%
8	ENVENENAMENTOS	57	3,27%
9	CICLISTAS	10	0,57%
10	ACID. ARMAS DE FOGO	10	0,57%
TOTAL		1745	100,00%



DE 5 A 9 ANOS

1	ATROPELAMENTOS	499	29,11%
2	AFOGAMENTOS	426	24,85%
3	OCUPANTES VEÍCULOS	352	20,54%
4	DEMAIS LESÕES NÃO INTENCIONAIS	135	7,88%
5	QUEDAS	84	4,90%
6	QUEIMADURAS	90	5,25%
7	CICLISTAS	38	2,22%
8	SUFOCAÇÕES	38	2,22%
9	ACID. ARMAS DE FOGO	18	1,05%
10	ENVENENAMENTOS	34	1,98%
TOTAL		1714	100,00%



DE 10 A 14 ANOS

1	AFOGAMENTOS	656	31,10%
2	OCUPANTES VEÍCULOS	472	22,38%
3	ATROPELAMENTOS	396	18,78%
4	DEMAIS LESÕES NÃO INTENCIONAIS	167	7,92%
5	QUEDAS	79	3,75%
6	CICLISTAS	77	3,65%
7	ACID. ARMAS DE FOGO	69	3,27%
8	SUFOCAÇÕES	55	2,61%
9	QUEIMADURAS	107	5,07%
10	ENVENENAMENTOS	31	1,47%
TOTAL		2109	100,00%

FONTE: Ministério da Saúde do Brasil

Crianças de até dez anos não podem atravessar a rua sozinhas

“A dor é maior que qualquer coisa que a família possa dizer”, escreveu o repórter do jornal *Correio Braziliense*, em maio de 2004, ao relatar a repercussão entre pais e irmãos da morte de um garoto de 3 anos, atropelado na faixa de pedestre, em Brasília. Ele voltava para a casa com dois irmãos, de 13 e 11 anos, quando, ao atravessar a faixa, o chinelo do menino saiu do pé. Ele voltou para pegar, o irmão chegou a fazer um sinal para que o caminhão parasse, mas não deu tempo. O menino morreu na hora.

O atropelamento de crianças ocupa o segundo lugar entre os traumas com cerca de 1.200 mortes ao ano, ou 18% do total de acidentes, segundo dados do Governo.

“Crianças com menos de dez anos são proibidas de atravessar a rua sozinhas, e a maioria dos pais não sabe disso. Mesmo acompanhadas, elas são vítimas da falta de faixas de pedestre e do desrespeito de muitos motoristas”, diz o cirurgião pediatra João Gilberto de Oliveira, presidente da ONG Criança Segura. No caso do menino de Brasília, o motorista do caminhão dirigia sem

O atropelamento mata ou deixa seqüelas para sempre na vida de milhares de crianças.

dez anos são proibidas de atravessar a rua sozinhas, e a maioria dos pais não sabe disso. Mesmo acompanhadas, elas são vítimas da falta de faixas de pedestre e do desrespeito de muitos motoristas”, diz o cirurgião pediatra João Gilberto de Oliveira, presidente da ONG Criança Segura. No caso do menino de Brasília, o motorista do caminhão dirigia sem

Se até há alguns anos as ruas com relativa segurança, hoje, o perigo para elas aumenta na mesma proporção que cresce a frota de veículos. Para se ter uma idéia, em 1904, existiam 84 automóveis no Brasil, segundo informações do governo de São Paulo. Cem anos depois, as estimativas apontam 30 milhões de veículos circulando no País, segundo dados do Ministério dos Transportes. Hoje, para cada grupo de seis pessoas, uma tem automóvel. Em 1970, era 1 veículo para 72 pessoas.

O aumento acelerado da frota transformou o trânsito no inimigo número um das crianças, que são frágeis e pequenas diante dos automóveis e não têm noção do perigo. As estatísticas mostram que tanto na condição de pedestres quanto como ocupantes de veículos, 35% das mortes de crianças no Brasil por lesões ou traumas acontecem no trânsito. Isso significa mais de 2.300 crianças mortas por ano, segundo dados do Ministério da Saúde, em 2001.

Mas isso é parte do problema. Do número de crianças vítimas de acidentes de trânsito, pelo menos 10 mil escapam com vida, mas sofrem seqüelas permanentes com longos períodos de internamento hospitalar. O drama atinge toda a família, muitas vezes com os pais perdendo o emprego para poder cuidar dos filhos, além do abandono dos demais familiares devido aos cuidados necessários às vítimas.

Crianças perdem a vida atropeladas nas ruas

LARISSA MEIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

A estatura é pequena e a mente livre das noções de perigo. Diante de uma pista movimentada por carros, as crianças se tornam vítimas frágeis quando enfrentam o espaço da rua com os veículos. No Distrito Federal, os menores de dez anos morrem mais atropelados que os adultos. Dados do Departamento de Trânsito do DF apontam que em média 50% dos acidentes fatais com crianças ocorrem durante a colisão do carro com a vítima. No caso dos adultos, o índice é de 35%.

Somente no ano passado, 23 menores nesta faixa etária perderam a vida no trânsito. Destes, 11 foram atropelados. Ontem, Edmilson Feliciano Barbosa, de um ano e 11 meses foi atropelada na quadra 10, em Sobradinho, próximo ao mercado Esteves. O motorista do Palio JFL 7205-DF socorreu o garoto que sofreu escoriações e foi encaminhado ao Hospital Regional de Sobradinho. No sábado, uma tragédia com o pequeno Lucas Alcântara Brandão, três anos, deixou de luto a comercial da entreequadra da 215/216 Norte.

O acidente ainda era comentado por comerciantes da quadra na manhã de ontem. Acostumados a conviver com a mãe da criança, Rafaela Alcântara Brandão, dona de uma loja de *lingerie*, empresários e funcionários se solidarizaram à família do garoto. "Ele sempre passava correndo por aqui. Era uma criança muito alegre e agitada. Ele entrava na loja e alegrava a todos", conta a cabeleireira de salão de



beleza vizinho à loja, Edna Melo Duarte, 30 anos. "Acho que vai ser difícil para a mãe voltar aqui na quadra", acredita.

De cabelos lisos e loiros, o menino brincava na comercial com o irmão mais velho, Caio, enquanto Rafaela resolvia pendências da loja. A rotina da família na 215 Norte era comum durante as manhãs de sábado. Desta vez, a pacata pista que separa as duas comerciais se transformou num cenário de horror. Possivelmente atraído pela figura do pai, que havia acabado de atravessar a pista, Lucas correu em direção aos carros. Por volta das 11h, foi atingido pelo Gol branco de placa JEZ 8087-DF e morreu no Hospital Prontonorte, de traumatismo craniano. "Foi um barulho horrível. Depois ouvi o grito da mãe. Foi de assustar", relata a vendedora Telma da Silva, 22 anos.

"O sinal abriu e eu arranquei.

Estava a uns 25 km/h. De repente vi um vulto, a cabecinha de uma criança e freei. Fiquei estático", relatou em depoimento à polícia o motorista Nelson Cavalli, 61 anos. Policial Militar aposentado, ele precisou ser socorrido pelo Corpo de Bombeiros para receber atendimento no Hospital Regional da Asa Norte (Hran). "Ele foi medicado, mas chorou a manhã toda. Apesar do susto com meu pai, que tem problema de coração, o que mais nos preocupa é a família da criança", diz a filha de Nelson, Cristiane da Motta Cavalli, 29 anos.

Processo arquivado

Para a polícia, é provável que o inquérito do acidente seja arquivado. Após a conclusão do laudo pericial, se comprovado que o motorista não agiu com imprudência, o caso será remetido ao Ministério Público do DF: "Tudo

leva a crer que o condutor não teve culpa, foi surpreendido pela travessia repentina do menino. Geralmente, em casos como este, o MP arquivava o processo", avalia o delegado plantonista da 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte), Mauro Lício de Campos.

Perplexos com a tragédia, os pais do menino não falaram sobre o acidente. O corpo de Lucas será cremado hoje. Ele foi velado durante a noite no Cemitério Campo da Esperança. A mesma dor é compartilhada pelos familiares de Washington Evangelista da Silva. O menino de dois anos e oito meses morreu atropelado no último dia 11, na QNM 24/26 da Ceilândia. Ele foi atingido por um caminhão quando atravessava uma faixa de pedestre. O motorista Francinaldo Fernandes Leite, 33 anos, não tinha carteira de habilitação. O garoto voltava para casa com os irmãos mais velhos, Eislá, 13, e Willian, 11.

De acordo com o Detran, uma das orientações para evitar acidentes durante a travessia de crianças é não permitir que pequenos sejam guiados por crianças maiores. "Crianças pequenas só devem atravessar com adultos. De preferência no colo ou segurados pelo punho", explica o diretor de segurança de trânsito do órgão, Antônio Bonfim. Ele pondera que quando estão no carro, os menores devem viajar no banco traseiro, protegidos pelo cinto de segurança. "Fora do veículo, além de serem mais frágeis fisicamente, as crianças não têm noção do perigo. Qualquer batida, mesmo em baixa velocidade, pode matar", alerta.

■ COLABOROU: MARIANA CERATTI

MEIRA, L. Crianças perdem a vida atropeladas nas ruas. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 maio 2004. p. 20, Coluna "Cidades".

A presença de um adulto na hora de atravessar a rua é fundamental para proteger a vida da criança, principalmente dos motoristas irresponsáveis, como aqueles que bebem e resolvem dirigir em excesso de velocidade, e acabam atropelando uma criança que atravessava a rua. Histórias como essa quase sempre aparecem na mídia, e é o caso de se parar para pensar mais um pouco sobre a polêmica se acidente é fatalidade ou é algo previsível e evitável. Você acha que essa morte aconteceu porque isso estava escrito?

Uso de cinto e cadeirinha no banco traseiro poderiam salvar vidas. Poderiam, mas quem usa?

Um estudo feito pela ONG Criança Segura com freqüentadores de *shoppings* da Grande São Paulo mostrou que em 95% dos carros as crianças pequenas não eram transportadas em “cadeirinhas” no banco de trás. As pesquisas apontam que colocar a criança no banco de trás do veículo não é suficiente para protegê-la. Uma cadeirinha de segurança certificada e corretamente instalada consegue aumentar em 71% as chances de sobrevivência da criança. Mais uma vez as estatísticas revelam que acidente não é fatalidade, é algo previsível, e as tragédias podem ser evitadas com medidas de segurança.

Outro comportamento no trânsito. O médico pediatra Segura, João Gilberto Maksoud Folha de São Paulo, observou que segurar a criança pequena

Foi assim que um bebê de craniano grave em um acidente São Paulo, em 2004. A menina banco traseiro, com a colisão, passando por cima da avó, que estava no banco da frente de passageiro. A força do impacto do bebê estourou o vidro da frente, jogou a criança em cima de um outro veículo, e ela acabou caindo de um viaduto de sete metros.

Medidas de segurança aumentam em 71% as chances de sobrevivência das crianças.

prejudica a segurança infantil e presidente da ONG Criança Filho, em entrevista ao jornal que “os pais tendem a achar no colo é mais seguro”.

24 dias sofreu traumatismo de carro, ocorrido no interior de que viajava no colo da mãe, no foi lançada para fora do carro,

Todos os anos, cerca de 1.200 crianças morrem em acidentes de automóveis, 17% do total de casos de trauma no Brasil, a terceira maior causa de acidentes na infância. A maior parte acontece por falta do uso de cadeirinha ou cinto de segurança (ver anexo Tabela sobre assentos de segurança).

Acidentes de trânsito, quando não matam, provocam tragédias para o resto da vida de uma criança. Segundo dados apresentados pelos médicos João Gilberto Maksoud Filho e Martin Eichelberger, a maioria dos casos de paraplegia, tetraplegia, traumatismo craniano e lesões faciais em crianças ocorre devido aos acidentes de trânsito.



Crianças são mantidas soltas no banco de trás.

Pais arriscam a vida das crianças no trânsito

Em 2003, segundo o Serviço Integrado de Atendimento ao Trauma em Emergências (Siate), 1.376 crianças e adolescentes de até 14 anos de idade foram vítimas de acidentes de trânsito em Curitiba e municípios da Região Metropolitana. Com a intenção de diminuir essa estatística, a organização não-governamental Safe Kids Brazil (Criança Segura) promoveu ontem, no restaurante Madalosso, em Santa Felicidade, uma série de atividades de conscientização.

Crianças que foram almoçar no restaurante ou simplesmente passaram em frente ao local puderam participar de brincadeiras educativas referentes ao trânsito, se divertir com palhaços, desenhar e participar de uma sessão de maquiagem. Já os pais receberam orientações sobre o transporte seguro de crianças dentro dos carros e observaram a instalação de cadeirinhas de segurança.

Segundo a coordenadora regional da ONG, Alessandra França, o uso correto de uma cadeira de segurança no carro aumenta em até 71% as chances de uma criança sobreviver a um acidente. Ainda assim, 90% das cadeirinhas existentes acabam sendo mal instaladas. “O modelo da ca-

deira deve estar de acordo com a idade e com o peso da criança”, afirma.

Alessandra explica que, até os quatro anos ou até atingir dezoito quilos, a criança deve usar um tipo de cadeirinha. Depois disso - até os dez anos ou atingir 36 quilos - deve utilizar assentos de elevação. “Geralmente os pais deixam de usar a cadeirinha quando a criança já é capaz de sentar sozinha. Isso é um erro”, comenta. “Antes de atingir 36 quilos, a criança não tem estrutura para usar cinto de segurança. Esse, em casos de acidentes, pode vir a esmagar seus órgãos internos.”

Soltas

Pior do que não usar cadeirinhas e assentos de elevação é, de acordo com Alessandra, transportar a criança no colo ou solta no carro, sem qualquer dispositivo de segurança. Apesar de todas as campanhas de conscientização existentes, ainda é comum ver crianças no banco da frente do automóvel, entre os bancos ou soltas brincando nos bancos traseiros. “Os pais devem impor sua vontade sobre os filhos, obrigando-os a utilizar os dispositivos existentes. O uso da cadeirinha faz parte de um processo educativo”, finaliza. (Cintia Végas)

A falta de uma lei ou multa que obrigue a usar sistemas de retenção para criança nos veículos leva a negligência aos procedimentos de segurança no trânsito. Mesmo quando existe legislação, há desrespeito. Amostras realizadas pelo Serviço Integrado de Atendimento ao Trauma em Emergências (Siate), em Curitiba, apontam que 35% dos motoristas atendidos em casos de acidentes não estavam usando o cinto de segurança.

Os números provam que o cinto de segurança protege vidas. O seu uso reduziu em 30% as mortes decorrentes de acidentes de trânsito em São Paulo.

Diante dos fatos, não há argumentos. O uso de sistemas de retenção para a criança no carro evita mortes ou invalidez permanente. Não os usar é arriscar e muito!

VÉGAS, C. Pais arriscam a vida das crianças no trânsito. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 maio 2004. p. 23, Coluna “Cidade Atenta”.

Aproveite ao dar o presente para ensinar segurança. Capacete neles!

Um dos desejos mais comuns das crianças é ganhar uma bicicleta, skate ou patins, e com a decisão de, enfim, dar o presente, vem a preocupação dos pais: será seguro? Há dados que ajudam você a decidir, como o fato de que, se a criança usar capacete, terá 85% a mais de chance de evitar traumatismo craniano em caso de acidentes.

O problema é que as crianças não aceitam o capacete. Achrom desconfortáveis, dizem que não precisam porque sabem dirigir bem, que os amigos não usam, além de uma série de outras razões para convencer os pais. Resista à tentação e aos argumentos de seu filho, a vida dele é mais importante. Mostre que profissionais do esporte utilizam todos os equipamentos de segurança necessários para sua proteção, e que ninguém pode fazer esporte sem as proteções adequadas.

Outro fator importante os equipamentos de proteção 14 anos pedalam em torno de de ciclistas. O que leva a acidentes, que podem causar fatais, ou deixar seqüelas

Mas não é só a bicicleta patins e patinetes também. Em

Equipamentos de segurança ajudam a evitar traumatismos cranianos.

para convencer seu filho a usar é saber que crianças de 11 a 50% mais rápido que a média correrem mais riscos de lesões na cabeça, às vezes permanentes.

que pode causar perigo. Skate, todos os casos, o uso de

É preciso lembrar que está distante o tempo em que as bicicletas tinham mais espaço nas ruas. Com o aumento da frota de veículos nas cidades, as bicicletas deixaram de ser brinquedos inocentes e se transformaram no meio de transporte que mais causa acidentes em crianças, depois do automóvel.

Só a prevenção pode ajudar a evitar os acidentes. E os números mais uma vez comprovam isso. Veja o exemplo de Seattle (EUA), no final da década de 80. Uma campanha, envolvendo órgãos estaduais e particulares de saúde, comunidade e empresas privadas, incentivou o uso de capacetes para ciclistas. Resultado: o uso do capacete aumentou de 5% para 40% entre os ciclistas e reduziu os traumatismos em 85% dos casos.

A prevenção ajuda, mas o exemplo vem de casa. Será mais fácil convencer as crianças a usarem os equipamentos de segurança se os pais já se comportam dessa maneira, como, por exemplo, se as crianças vêem os pais usarem sempre o cinto de segurança e obedecerem às leis de trânsito. O argumento de que os profissionais do esporte sempre usam esses equipamentos pode ser de muito valor para seu filho perceber que quem sabe mesmo andar de *skate*, bicicleta e patins usa capacete. Mas, se ainda assim ele resistir, que tal dar o presente junto com os equipamentos de segurança?

Mortes na água só perdem para o trânsito

“De repente a criança desapareceu”, foi o relato de uma mãe que perdeu a filha de dois anos, morta afogada, em um domingo, em Vitória, no Espírito Santo. Ela estava com a menina e com os parentes numa praia. Tudo aconteceu em um instante, assim como a maioria dos casos de afogamentos. Os médicos pediatras mostram que uma criança, quando submersa em água, em 2 minutos pode perder a consciência e de quatro a seis minutos pode ficar com dano permanente no cérebro e até morrer.

Brincar na água faz parte e finais de semana da criança piscinas causam euforia. Mas alegria costumam levar as e a esquecerem-se do perigo. É impulsividade infantil tende a todo o cuidado é fundamental

No Brasil, a maior causa de mortes com crianças de até 14 anos são os afogamentos.

da diversão nas férias, feriados brasileira. Praias, rios, lagos e atenção: os momentos de pessoas a reduzirem a guarda nessa hora, quando a aflorar mais que o normal, que para proteger a vida.

A Sociedade Médica de atenção dos pais para o fato

Pediatria vem chamando a de que acidentes são previsíveis

e evitáveis e que cuidados simples poderiam reduzir em até 90% a possibilidade de traumas na infância. É o caso dos acidentes por afogamento. As estatísticas apontam que é na água que ocorre o maior número de acidentes com crianças no País, especialmente com as que estão pouco habituadas ao meio aquático.

O trânsito é o inimigo número um das crianças, mas as mortes na água estão quase alcançando a tragédia nas ruas. Do número total de mortes por traumas, 26% são por afogamento. No total, o trânsito é responsável por 35% dos óbitos por traumas, quando se somam os percentuais de atropelamento e de vítimas de acidentes em veículos. Mas quando se faz a leitura isolada das estatísticas, a água representa o maior perigo para uma criança.

Não existem números sobre resgates, mas as estimativas, que incluem os adultos, apontam mais de um milhão de pessoas socorridas na água a cada ano, o que demonstra a magnitude do problema. Mais de 10 mil crianças ficam inválidas e milhares dão entradas nas emergências dos hospitais todos os anos no Brasil, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde. A metade dos casos de afogamento acontece em águas doces, rios, lagos e represas.

Em Pernambuco, chuva forte mata bebê afogado

Rio São Francisco voltou a subir e preocupa ribeirinhos

• RECIFE. As chuvas de ontem na área metropolitana de Recife provocaram a morte de uma criança de apenas quatro meses. O bebê morreu afogado no bairro do Jordão, porque o barraco onde morava foi inundado. Os pais não estavam em casa e os vizinhos contaram que a avó dormia quando o acidente aconteceu.

Em Recife foram registrados deslizamentos de barreiras. Duas casas caíram, mas ninguém se feriu.

A subida de nível do Rio São Francisco voltou a preocupar as populações ribeirinhas de Pernambuco, Bahia, Sergipe e Alagoas. A Chesf (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) aumentou a vazão da barragem de Sobradinho, devido às fortes chuvas registradas em Minas.

O diretor de operações da Chesf, Mozart Arnaud, informou que a vazão registrada na quinta-feira, 3.600 metros cúbicos por segundo, é inferior à metade do limite legal, de 8.800 metros. Mas reconheceu que a iniciativa poderá provocar transtornos, principalmente porque os sertanejos estão acostumados com verões prolongados e terminam por construir praticamente no leito do rio. ■

Mesmo em piscinas rasas de lona ou em banheiras, e até mesmo em baldes, o afogamento costuma acontecer de forma muito rápida e silenciosa. Um estudo do médico David Szpilman, do Centro de Recuperação de Afogados da Barra da Tijuca e do Centro de Terapia Intensiva do Hospital Municipal Miguel Couto, no Rio de Janeiro, mostrou que 89% das crianças não têm supervisão dos adultos quando estão nas piscinas, alertando para a necessidade de os pais levarem sempre a criança com eles quando precisarem se afastar do local onde elas estão brincando com a água.

Bem, se é possível prever que acidentes na água são comuns e que acontecem em questão de segundos, sabe-se também que eles podem ser evitados com a vigilância constante de um adulto. Diante disso, só resta tomar o máximo de cuidado para evitar o pior. Lembre-se: supervisão é fundamental para a segurança de seu filho.

EM PERNAMBUCO chuva forte mata bebê afogado.

O Globo, Rio de Janeiro, 23 abr. 2004. p. 9, Coluna "O País".

Obstrução das vias aéreas é a quarta causa de morte infantil

A morte de um menino de 3 anos, ocorrida em abril de 2004, em São Paulo, depois de tomar café da manhã numa escola, foi considerada uma “fatalidade” pela coordenadora de Educação. A criança teria ido até o lixo jogar um pedaço de pão, ficou com o rosto roxo e desmaiou. Morreu a caminho do pronto-socorro. Uma declaração de óbito apontou asfixia como a causa da morte. O menino era asmático, teve uma crise e ficou sufocado porque estava com a boca cheia.

Segundo o jornal O Estado de São Paulo, 2.500 crianças estudam na creche mas não havia enfermeiro emergência. O médico do Legal (IML), que atendeu a reportagem do Jornal da Tarde, com tantas crianças é sempre indicado que se tenha um equipamento e uma máscara de oxigênio. A diretoria da escola informou também à polícia que não chamou o resgate do Corpo de Bombeiros.

Em crianças com idade abaixo de um ano, a obstrução de vias aéreas é a causa líder de morte.

Estado de São Paulo, 2.500 em que o menino morreu, de plantão, nem sala para pediatra do Instituto Médico à vítima, ouvido pela reportagem lembrou que em um local sempre indicado que se básico de reanimação e

Os professores chegaram a fazer massagem cardíaca e respiração boca a boca no menino. O médico pediatra do IML disse que a massagem é correta, já que ajuda a desobstruir a artéria, mas a respiração deve ser feita desde que seja retirado o alimento da boca. Um parente do menino chegou a vê-lo no pronto-socorro com a boca cheia de leite e pão. Ele contestou a versão de fatalidade. “Foi negligência. Para mim ele engasgou com o próprio pão quando tentaram fazer a respiração boca a boca”, disse ele ao jornal.

Esses são os dois lados da história. Cabe ao leitor decidir se foi ou não uma fatalidade.

Os registros médicos apontam engasgamento, sufocação e estrangulamento como causa de 12% das mortes entre as 7 mil crianças por ano, vítimas de traumas no Brasil. Outras 40 mil ficam inválidas ou com seqüelas permanentes devido aos acidentes e mais de 150 mil são levadas para as emergências dos hospitais.

Com criança, nem um grão de feijão é algo tão inocente que não possa causar tantos danos fatais aos pequenos, com conseqüências devastadoras para a família. Segundo dados do Ministério da Saúde de 2001, ocorreram 782 mortes de crianças até 14 anos no Brasil por sufocação, a maior parte entre bebês. Trata-se de um número alarmante e que pode ser diminuído com alguns cuidados.

Acidente

Menina de três anos cai de prédio em Boa Viagem e morre

Uma menina de três anos foi encontrada morta ao lado do playground de um flat em Boa Viagem. Ela caiu de um dos andares do prédio.

► **PÁGINA 10**

MENINA de três anos cai de prédio em Boa Viagem e morre. **Jornal do Comércio**, Recife, 2 fev. 2004. p. 10, Coluna "Capa".

Para as doenças, vacinas. Para os traumas, prevenção

Passeios em locais não preparados para a presença de crianças podem esconder riscos e merecem atenção especial. Foi o caso da menina de 3 anos, em Recife, que morreu depois de cair da janela de um *flat*, onde foi passar um final de semana com a mãe, na cidade onde moram seus parentes. Quando a mãe se ausentou por alguns minutos para buscar um refrigerante, a menina saiu de perto da piscina, subiu para um dos andares – ninguém soube informar qual – e caiu.

A criança foi encontrada com a cabeça sangrando, hospital, onde os médicos acabou morrendo. O gerente Comércio que os corredores para ventilação. Como o pode ter se debruçado para

As quedas causam 5% das mortes de crianças, o sexto maior perigo no ranking de traumas.

ao lado do *playground*, desmaiada e foi levada ao tentaram reanimá-la, mas ela do *flat* informou ao Jornal do do prédio possuem janelas pavimento é vazado, a menina ver o *playground* e caiu.

Um outro caso que foi o de uma menina de 4 anos

abalou Recife no final de 2003 que caiu da sacada. Ela estava

com a mãe no terceiro andar do prédio onde morava, quando a grade de proteção se partiu. Moradores informaram que a grade da varanda estava enferrujada. A menina teve traumatismo craniano, chegou a ser operada, mas morreu no mesmo dia.

As quedas causam 5% das mortes de crianças, o sexto maior perigo que elas correm em relação às lesões não-intencionais. A prevenção é o melhor remédio para se evitar esses acidentes em crianças de 0 a 14 anos. Histórias como das meninas de Recife por queda de uma janela ou de meninos que caem de lajes nas periferias da cidade, infelizmente, ainda acontecem pela falta de cuidados simples.

Os cuidados para evitar acidentes começam cedo, desde a hora do banho ou na troca de fraldas, já que as quedas são a segunda causa de mortes em bebês, segundo o Ministério da Saúde. No período de 0 a 6 meses, o bebê começa a se virar, logo a engatinhar e a querer buscar objetos. Um pequeno descuido na hora de trocar as roupas da criança pode ser o suficiente para que ela caia do trocador.

Os pais só querem o melhor para seus filhos, jamais imaginam que um instante pode ser fatal. Mas como se vê pelas notícias na mídia, é dessa forma que acontecem os acidentes que matam e deixam milhares de crianças inválidas. Assim como as vacinas derrubaram a mortalidade infantil, a prevenção de acidentes é a melhor maneira para evitar o novo perigo que ronda as crianças: a morte por causas externas.

A maioria dos casos de queimaduras acontece em casa

As queimaduras são a sexta maior causa de mortes entre crianças, mas é, provavelmente, a campeã em ferimentos com mutilações ou marcas permanentes. Todos os anos, mais de 300 mil crianças sofrem com queimaduras, 18 mil ficam com marcas permanentes ou mutiladas, e 600 não conseguem escapar da morte.

“A maioria dos casos de casa”, alertou o médico Brasileira de Queimaduras, confirmam isso. A maior parte cozinha, com um líquido quente meses do recesso escolar, o 50%, segundo pesquisa feita Saúde de São Paulo em todos

O perigo começa na cozinha, local de maior risco.

queimaduras acontece em presidente da Sociedade Edmar Maciel. Os números dos acidentes ocorre na ou álcool. Em janeiro e julho, número de casos aumenta em pela Secretaria Estadual de os hospitais da cidade.

As panelas com cabos para o lado de fora do fogão podem causar acidentes, já que as crianças não pensam muitas vezes antes de colocar as mãos neles e virar o que estiver dentro para cima delas. Também o álcool líquido e seu uso indevido continuam causando acidentes em todo o Brasil, apesar das campanhas preventivas que mostram os perigos do produto. O uso de fogos de artifício e fogueiras em festas juninas, comemorações de final de ano ou de futebol continua, também, causando milhares de acidentes, apesar de todos os alertas feitos em relação ao perigo desses produtos.

Os dados revelam que meninos tendem a brincar mais com fogo quando estão sozinhos. Usam fósforos ou isqueiros que encontram pela casa. Além disso, em crianças de até 5 anos, o perigo de morte é duas vezes maior do que com o resto da população. Mais da metade das crianças que morrem nesse grupo de idade estão acordadas no momento do incêndio, e as outras são muito novas para reagir apropriadamente. Nesses casos, as crianças correm um sério risco de se machucar ou morrer, porque elas têm menos controle do seu ambiente do que os adultos e têm habilidades limitadas para reagir corretamente.

Em Santa Catarina, num caso recente envolvendo crianças brincando com um isqueiro, ocorreu a morte de um dos irmãos, de três anos, e deixou duas meninas – de um e dois anos – com queimaduras graves no rosto. O mais velho – de cinco anos – conseguiu fugir pela janela. O fogo se alastrou em menos de cinco minutos, numa casa de 60 metros de madeira, depois que elas colocaram fogo no sofá. A mãe saiu para telefonar quando aconteceu a tragédia.

Em Vitória, outro caso semelhante ocorreu em maio de 2004. “Eu estava brincando com um isqueiro e pegou fogo na cama”, contou o menino de quatro anos, que conseguiu

descer e avisar o avô que trabalhava no térreo do prédio. O terceiro andar do prédio onde o menino morava foi destruído.

Manter crianças fora da cozinha e longe de líquidos quentes e guardar em lugar seguro produtos inflamáveis, fósforos e isqueiros são medidas que evitam os acidentes com fogo. É claro que ninguém pode vigiar seu filho durante 24 horas por dia, mas, se os cuidados forem tomados, muitos desastres poderão ser evitados.

Acidentes com fogo são 1 milhão por ano

Joyce Carvalho

Mexer com o fogo, manipular substâncias inflamáveis e brincar com fogos de artifício geram um milhão de acidentes com lesões por ano, segundo a Sociedade Brasileira de Queimaduras. Um terço deles acontecem com crianças. Segundo especialistas, a prevenção é a solução para o problema. Assim, antecipando o Dia Nacional de Luta contra Queimaduras, comemorado amanhã, a organização não governamental Criança Segura e o Hospital Evangélico realizaram ontem um trabalho de orientação no centro de Curitiba.

"É nosso dever alertar a população com prevenção. Tomando cuidados, cerca de 90% dos acidentes poderiam ser evitados", afirma Alessandra França, coordenadora regional da Criança Segura. O principal local dos acidentes é a cozinha, com 80% dos casos. São líquidos e gorduras quentes que ferem as crianças por descuido dos pais. "Depois disso, a segunda maior causa das queimaduras são os aparelhos elétricos quentes, como o ferro de passar roupa", revela.

Outro vilão é o álcool líquido, tanto para crianças quanto para adultos. Depois que foi proibido, em agosto de 2003, os acidentes tratados pelo Hospital Evangélico, em Curitiba, caíram 30%. "O ideal é não ter o álcool em casa. A versão vendida no supermercado não



Orientação da ONG Criança Segura e Hospital Evangélico: risco é maior na cozinha.

limpa direito. Não há necessidade de seu uso, mesmo o álcool em gel. O melhor é usar água e sabão", esclarece Alessandra. "A criança tem atração pelo fogo e, tendo a substância inflamável em casa, há condições para ela brincar com isso."

Para o médico Manoel Alberto Prestes, chefe do serviço de cirurgia plástica e queima-

duras do Hospital Evangélico, o inverno é um período em que os acidentes se agravam: "Existe ainda o hábito de esquentar ambientes com álcool e há a necessidade de consumo de líquidos quentes, como sopas, para esquentar". As festas juninas também contribuem para as estatísticas: "As queimaduras por fogos de artifício atingem mais adultos do que crian-

ças. Mas as bombinhas, que parecem inofensivas, oferecem perigo. O estrago pode ser menor, mas acaba acontecendo", aponta Prestes. "Não se pode inspirar a criança com essas brincadeiras e explicar o que realmente pode causar. Se os fogos forem utilizados, devem estar longe das crianças e manipulados por um profissional", conclui Alessandra.

Plantas e produtos tóxicos intoxicam mais crianças

Produtos de limpeza, medicamentos e plantas venenosas são a causa da maior parte das intoxicações com crianças. Em 2% dos casos, a vítima morre. Todos os anos são registrados milhares de internamentos hospitalares com crianças chegando aos hospitais com vômito, diarreia, asfixia e outros sintomas provocados por produtos ou plantas tóxicas. Do total de casos, mais de 40% atingem as crianças de até quatro anos, segundo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro. Só as plantas venenosas intoxicam em média 1.200 crianças no Brasil todos os anos.

Curiosidade, apostas são as situações mais comuns planta ou produto de limpeza farmacêutica Sônia Barcia, Intoxicações de São Paulo. A um líquido dentro de uma ela associa ao refresco e, se pode resolver experimentar. É do Brasil, se preparar para economia doméstica e garrafa.

2% do total de crianças vítimas de acidentes morrem por produtos que envenenam.

entre amigos, fome ou sede que levam a criança a colocar na boca, segundo a do Centro de Controle de confusão piora quando ela vê garrafa de refrigerante, que estiver ao alcance das mãos, comum, em algumas regiões produtos de limpeza em casa colocá-los nesse tipo de

O problema é deixar produtos de limpeza ao alcance das mãos dos pequenos. “Cinco crianças ingeriram produtos à base de soda cáustica no Paraná, só o meu neto sobreviveu”, contou a assistente social do Departamento de Vigilância Sanitária do Paraná, Maria Aparecida Paleari Silva. Desde que, há dez anos, quase perdeu seu neto, que ingeriu produto de limpeza à base de soda cáustica em sua casa durante a visita da filha que morava nos Estados Unidos, ela vem realizando um trabalho de prevenção de acidentes na infância.

“Eu não tinha mais crianças em casa e não me preocupava com objetos que poderiam estar ao alcance delas. Mantinha produtos de limpeza no balcão abaixo da pia”, contou Maria Aparecida à reportagem do Jornal do Estado, de Curitiba. O menino passou por sete cirurgias e sobreviveu, mas com múltiplas seqüelas.

Ao contrário dos produtos de limpeza, as plantas tóxicas estão em qualquer lugar. Em casa, nos parques, nos jardins, é comum encontrar plantas, como a folhagem conhecida por comigo-ninguém-pode, usada nos lares brasileiros para combater o mau-olhado. Segundo a Fiocruz, a planta é a líder em intoxicações, causando inchaço dos lábios, vômitos e diarreia, além de dificuldade para engolir e asfixia. O copo-de-leite e a coroa-de-cristo também são algumas das 16 plantas que mais causam intoxicação, segundo a fundação.

Planta venenosa intoxica mais crianças

CLÁUDIA COLLUCCI

DA REPORTAGEM LOCAL

Elas estão por toda a parte. No interior das casas, nos jardins, nos playgrounds, nas praças e parques públicos e nos canteiros de ruas e avenidas. São as plantas venenosas, que, por ano, intoxicam em média 2.000 pessoas no país, 60% crianças com menos de nove anos, segundo dados do Sinitox (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas), ligado à Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), no Rio de Janeiro.

Para alertar a população sobre o perigo representado por essas plantas, a fundação lançou uma campanha educativa, em parceria com os centros de controle de toxicologia de São Paulo, Belém, Salvador, Cuiabá, Campinas, São Paulo e Porto Alegre.

De acordo com Rosany Bochner, coordenadora do Sinitox, o primeiro trabalho do programa foi a divulgação, por meio de folhetos, de cartazes e da internet, das 16 plantas que mais causam intoxicação no país. Também está sendo elaborado um manual de tratamento dos envenenamentos. A idéia é distribuir o material nas escolas e locais de grande concentração pública.

A folhagem comigo-ninguém-pode, cultivada no interior das casas por, supostamente, combater o mau-olhado, é a campeã das intoxicações. A ingestão da planta

pode causar queimação, inchaço de lábios, boca e língua, náuseas, vômitos, diarreia, dificuldade de engolir e asfixia.

Em geral, de acordo com a farmacêutica Sônia Aparecida Dantas Barcia, do Centro de Controle de Intoxicações de São Paulo, que funciona no Hospital Municipal Dr. Artur Ribeiro de Saboya, as crianças se intoxicam com as plantas em três situações: por curiosidade, fome ou apostas entre amigos.

O time dos pequenos de um a quatro anos é responsável por 40% das ocorrências no centro. Os acidentes geralmente acontecem em casa, em algum momento de distração dos pais. “É uma fase de exploração, e elas levam à boca tudo o que vêem pela frente. Deixar o carrinho do bebê perto da planta é um grande risco”, diz ela.

Dos quatro aos nove anos, as intoxicações ocorrem durante brincadeiras infantis. “As crianças, em geral meninos, fazem apostas e, quem perde, tem que comer planta”, afirma a farmacêutica.

Um dos casos mais graves atendidos pelo centro, envolvendo crianças, foi há dois anos, quando três irmãos deram entrada no pronto-socorro com vômito e diarreia ininterruptas. Aproveitando um congestionamento na rodovia dos Imigrantes, elas deixaram o carro dos pais e comeram alguns frutos de uma árvore próxima à rodovia.

Eram pinhões roxos ou paraguaios, frutos cujas sementes e o óleo são extremamente tóxicos e causam grave inflamação do trato gastrointestinal. As crianças se recuperaram após uma lavagem gástrica e hidratação com soro. “Se não fossem socorridos a tempo, eles poderiam ter morrido em razão da desidratação.”

O estudante Denilson de Castro, 10, passou por esse susto há quatro anos, quando ainda estava na pré-escola. Durante passeio da classe em um parque da cidade, ele levou à boca o fruto, que imediatamente lhe causou náuseas.

O menino foi levado ao Hospital das Clínicas e, a exemplo dos três irmãos, passou por lavagem estomacal e tomou soro. “O que mais me irritou foi que o monitor viu isso, mas achou que o fruto era comestível”, afirma a mãe, Joana.

Para evitar acidentes desse tipo, a coordenadora do Sinitox defende que o poder público coloque placas nessas plantas com o alerta sobre a toxicidade, especialmente nos locais com grande circulação de crianças.

Bochner diz que não é objetivo da campanha eliminar as plantas tóxicas. “É perfeitamente possível conviver em harmonia com elas. Basta respeitá-las”, afirma.

Além de ensinar as crianças a não colocar plantas na boca, ela afirma que os pais devem conhecer bem as folhagens e flores existentes em casa e nos arredores.

COLLUCCI, C. Planta venenosa intoxica mais crianças. **Folha de São Paulo Vale**, São José dos Campos, 23 maio 2004. p. C-03, Coluna “O Cotidiano”.

Em se tratando de criança, a atenção deve ser constante até que elas aprendam onde está o perigo e possam se defender sozinhas. Até lá é necessário reduzir os fatores de risco para garantir que a vida delas, já tão protegida por todo o cuidado que você oferece, seja mais segura. Para evitar traumas, prevenção. Então, que tal, mais uma vez, verificar os perigos que podem estar escondidos em casa?

Anexo

Veja qual é o tipo de assento de segurança mais adequado ao peso e à idade da criança

Até 9 ou 13 kg (conforme recomendação do fabricante) ou até 1 ano de idade		Cadeiras do tipo bebê conforto ou conversível	Posição Voltada para o vidro traseiro (de costas para o movimento), com leve inclinação, conforme instruções do fabricante. E sempre no banco de trás.	Atenção As tiras da cadeirinha devem ficar abaixo dos ombros e ajustadas ao corpo da criança com um dedo de folga.
De 9 a 18 Kg Aproximadamente de 1 a 4 anos de idade		Cadeirinha de segurança	Posição Voltada para a frente, na posição vertical, no banco de trás.	Atenção As tiras da cadeirinha devem estar acima dos ombros e ajustadas ao corpo da criança com um dedo de folga.
De 18 até 36 Kg Aproximadamente de 4 a 10 anos de idade		Assento de elevação (ou "booster")	Posição No banco traseiro, com cinco de três pontos.	Atenção O assento de segurança faz com que o cinto de três pontos do carro passe nos locais corretos do corpo da criança: pelo centro do ombro e peito e sobre os quadris.
Acima de 36 Kg e no mínimo 1,45 m de altura Aproximadamente 10 anos de idade		Cinto de três pontos do veículo	Posição Até 10 anos de idade, no banco traseiro do carro, com cinto de três pontos.	Atenção A criança deve conseguir apoiar as costas inteiras no encosto do banco e dobrar os joelhos na borda do banco. O cinto deve passar pelo centro do ombro e peito e sobre os quadris.

Dinâmica – Intoxicação

